

**O CALDEIRÃO DA MAÇONARIA:
EXPLORAÇÕES SOBRE O ESOTERISMO E O EXOTERISMO
MAÇÔNICO**

THE CAULDRON OF FREEMASONRY:
EXPLORATIONS ON THE ESOTERIC AND THE MASONIC EXOTERICISM

*José Rodorval Ramalho**

RESUMO

A Maçonaria é uma instituição privada, sem fins lucrativos, com objetivos filosóficos e iniciáticos. Atua no Brasil desde o final do século XVIII e congrega, nos dias que correm, centenas de milhares de membros em suas mais variadas facções. Desde a sua origem, participa da vida pública no país em diversos níveis. No entanto, sua dimensão religiosa tem sido esquecida pela pesquisa social. Neste texto, apresentaremos, numa abordagem panorâmica, algumas das questões mais importantes para a compreensão da religiosidade maçônica. Buscando uma abordagem compreensiva, analisamos documentos, visitamos templos, consultamos escritos dos maçons sobre a instituição, exploramos sua simbologia e mitologia. A partir desses procedimentos, procuramos descrever suas estruturas rituais, elementos da sua narrativa mitológica, os símbolos utilizados nos seus três primeiros graus, o lugar ocupado pela sua divindade e algumas tensões com o cristianismo. Nesse percurso, constatamos que existe um esforço sintético da instituição, não somente no sentido de integrar elementos de outras tradições religiosas, mas também de combinar, reflexivamente, valores modernos e tradicionais, esotéricos e exotéricos, individualistas e hierárquicos.

Palavras-chave: Maçonaria; Modernidade; Sincretismo

* Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e Professor Associado da Universidade Federal de Sergipe, atuando no Departamento de Ciências Sociais, no Núcleo de Graduação em Ciências da Religião e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. E-mail: joseramalho@bol.com.br.

ABSTRACT

Masonry is a private, non-profit institution, with philosophical goals and initiation. Operates in Brazil since the late 18TH century and brings together these days, hundreds of thousands of members in its various factions. Since its origin, takes part in the public life in the country at various levels. However, their religious dimension has been forgotten by social research. In this text, we will present, in a panoramic approach, some of the most important issues for the understanding of the Masonic religiosity. Looking for a comprehensive approach, analyze the documents, we visited temples, consult the writings of Masons on the institution, explore its symbology and mythology. From these procedures, seek to describe their rituals, their mythological narrative elements, the symbols used in your first three degrees, the place occupied by his divinity and some tensions with Christianity. In this way, we can see that there is a synthetic effort, not only to integrate elements from other religious traditions, but also to combine, reflexively, modern and traditional values, esoteric and exoteric, individualistic and hierarchical.

Keywords: Freemasonry; Modernity; Syncretism

01. INTRODUÇÃO

A Maçonaria é uma instituição privada, sem fins lucrativos, que atua no Brasil desde o final do século XVIII e congrega, nos dias que correm, centenas de milhares de membros em suas mais variadas facções. Juntamente com a Igreja Católica, é a instituição mais longeva da sociedade civil no Brasil. Desde a sua origem, participa da vida pública no país em diversos níveis, entre eles: nas práticas filantrópicas, na participação em campanhas públicas (contra as drogas, em defesa da constituinte e outras) e na ação cultural em torno de valores que combinam aspectos tradicionais e modernos. Além de ser uma das instituições mais antigas do cenário nacional, está implantada em todas as unidades da federação, presente em todas as capitais e em mais de 2 mil municípios brasileiros. Podemos defini-la como uma instituição ambivalente, pois articula valores individualistas e hierárquicos, esotéricos e exotéricos, nacionais e universais, sagrados e profanos.

Apesar da forte presença na sociedade brasileira, desde o século XIX, a maçonaria não tem sido objeto de pesquisas no âmbito acadêmico brasileiro, sobretudo na área das ciências da religião. Podemos encontrar excelentes pesquisas historiográficas, centradas no período de transição do Império à República, algumas poucas iniciativas na área das ciências sociais. Portanto, para o campo das ciências



da religião seria muito interessante que procurássemos explorar melhor a religiosidade maçônica e sua natureza difusa, de pretensões ecumênicas, influências gnósticas, suas tensões com o campo religioso, seu universo mítico e ritualístico.

Apesar de exercício panorâmico e ainda exploratório, esperamos discutir algumas questões relacionadas a essas dimensões do mundo maçônico. Para tal, faremos uma breve incursão pela trajetória maçônica; indicaremos algumas características da sua natureza iniciática; e identificaremos alguns símbolos e valores religiosos da cultura maçônica.

02. Origem e estrutura: inventando tradições

Os historiadores maçons costumam dividir a história da maçonaria em duas fases: a primeira, operativa, quando a instituição desempenhava, basicamente, atividades ligadas à arte da construção e estimulava princípios corporativos típicos do período medieval; a segunda, especulativa, quando a arte de construir já não era mais um critério para participar da instituição, ocasião em que foram admitidos indivíduos originários de outros segmentos sociais. Esses novos maçons eram filósofos, alquimistas, hermetistas, poetas e outros que procuravam a Ordem, segundo pesquisador maçônico, por três razões, fundamentalmente: a) oferecia uma forma lícita de associação, fato raro naquele período; b) ocorria em ambiente aberto para discussões que problematizavam o “estado de coisas” da época; c) dispunha de uma estrutura internacional, o que facilitava o intercâmbio de ideias (CASTELLANI, 1995).

À fase inicial, chamada de “operativa”, estão ligados vários símbolos ritualísticos que existem até a atualidade. Nessa fase, os principais segredos estão ligados à arte de construir dos **pedreiros-livres**, vinculados às corporações de ofício da idade média.

Pedreiros-livres foi uma das denominações utilizadas para se referir aos maçons. Expressão inspirada nos pedreiros que viajavam pela Europa, em torno do século VIII, a fim de construir templos católicos em estilo gótico. Estes pedreiros acabaram por constituir corporações que obtiveram privilégio exclusivo para a execução de certas arquiteturas, cujo processo guardavam em segredo. Todavia, com o advento progressista da ciência e das artes, a sociedade acabou por perder seu caráter primitivo e exclusivista, e passou a aceitar como seus membros pessoas estranhas ao ofício. Em 1717, com a morte de Sir. Christopher



Wren, último Grão-Mestre dos Pedreiros, as oficinas se compunham principalmente de intelectuais. Então estes convieram em abandonar por completo a arquitetura, substituindo a corporação por uma associação puramente moral e filosófica, que, no entanto, conservaria algumas denominações e instrumentos de arquitetura como simples recordação da arte e dos seus segredos. E foi assim que no dia 24 de junho de 1717 as quatro Lojas de Londres se reuniram e criaram a Grande Loja da Inglaterra, e então nasceu a Maçonaria moderna (FIGUEIREDO, 1998:138).

Na fase **especulativa**, consolidada no início do século XVIII, na Inglaterra, a tradição simbólica e ritualística medieval foi sendo reproduzida e, muitas vezes, resignificada pela tradição oral e por documentos esparsos até o momento em que foram sistematizados no documento fundador da Maçonaria moderna: a Constituição de Anderson. Outras normas não escritas também foram sistematizadas por vários autores maçons ao longo do século XIX. Contudo, não há um consenso sobre a sua versão definitiva, embora algumas versões tenham sido legitimadas junto a determinados grupos. Estas normas consuetudinárias são conhecidas como Landmarks e formam um corpo de regras que envolvem desde o reconhecimento de um maçom à divisão em graus pela maçonaria, indo até a afirmativa de que a maçonaria é uma sociedade secreta de posse de segredos que não podem ser divulgados. Os fundamentos mais importantes, no entanto, estão na Constituição de Anderson, que teve uma de suas versões publicada em 1723 na Inglaterra e reformada alguns anos depois. Neste documento, encontramos a história lendária da instituição e seus preceitos básicos. A relação dos maçons com esse documento pode ser definida como de “respeito seletivo”. Em outras palavras, nem tudo é aceito de forma consensual, como uma tradição auto-evidente e auto-aplicável, sobretudo no que se refere às origens da instituição, que nesse documento parece por demais fantasiosa aos olhos de alguns pesquisadores. Por outro lado, o consenso em torno de alguns aspectos desses documentos é o que garante uma relativa homogeneidade institucional à Ordem (CASTELLANI E RODRIGUES, 1995).

O momento histórico de criação da Maçonaria moderna coincide com o que Hobsbawn chamou de período rico em “invenção de tradições”. O autor não quer dizer com isso que essas tradições tenham sido artificialmente inventadas, mas que



atendem a certas necessidades em um período de grandes transformações. Vejamos o autor:

Provavelmente não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a ‘invenção’ de tradições nesse sentido. Contudo, espera-se que ocorra com mais frequência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as ‘velhas’ tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta (HOBSBAWN E RANGER, 1984:12).

Como alguns entendem, o século XVIII é o centro da transição à Modernidade e, conseqüentemente, significa um momento no qual podemos observar muitas mudanças no âmbito da economia, da política, da religião etc., constituindo-se, portanto, num período que seria propício à “invenção de tradições”.

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado oferta (IDEM, IBDEM, p. 09)

03. A Maçonaria no Brasil

A chegada da Maçonaria ao Brasil, no final do século XVIII, pode ser entendida como um dos sinais do processo de modernização do país, que continuaria avançando nos séculos seguintes. A Maçonaria foi um dos espaços mais importantes de divulgação do ideário moderno (mesmo que mesclado com uma ritualística antiga e tradicional) e conseguiu atrair uma parcela significativa da elite em nosso país para dialogar, à sua maneira, com esse ideário iluminista emergente no período (BARATA,1999;COLUSSI,1998; MOREL, 2005).

Sobre os primórdios da maçonaria no Brasil, tema bastante controverso e de documentação ainda a ser mais bem explorada, afirma Castellani:

Embora a primeira Loja maçônica brasileira tenha surgido em águas territoriais da Bahia, em 1797, numa fragata francesa, a primeira Loja regular do Brasil foi a “REUNIÃO”, fundada em 1801, no Rio de Janeiro, movida pela liturgia e com fins político-sociais (CASTELLANI, 1993:32).

No entanto, torna-se importante lembrar que as ideias maçônicas já circulavam pela Colônia através dos estudantes brasileiros que se dirigiam à Europa para cursar universidades como a de Coimbra, em Portugal, Montpellier, na França e Oxford na Inglaterra. As notícias de maçons e ideias maçônicas no final do século XVIII no nosso país orientando alguns movimentos (Inconfidência Mineira, Revolta dos Alfaiates, Conjuração Fluminense etc.) ainda estão por ser exploradas pela pesquisa social para que cheguemos a dados e interpretações mais consistentes.

Seja qual for a versão historicamente mais consistente, o que não podemos negar é que a atividade maçônica formou, a partir do início do século XIX, uma rede de Lojas por todo o território brasileiro e organizou o que, provavelmente, foi a primeira atuação política articulada (nacional e internacionalmente) de que temos notícia no nosso país, além da Igreja Católica, funcionando como uma espécie de arena para discussões voltadas ao processo de modernização. A atuação da Maçonaria esteve ligada à difusão do ideário liberal, iluminista e anticlerical. Ainda hoje, pelo menos no interior do movimento maçônico, a instituição é lembrada por sua participação em episódios importantes da história do país: independência, abolicionismo, abdicação de Dom Pedro I, a separação da Igreja do Estado, o movimento republicano e outros menos comentados. Os maçons parecem ter exercido, naquele período, uma influência significativa na definição dos rumos do país, uma vez que exerciam atividades intelectuais e políticas, atuavam em jornais, revistas, sociedades literárias e beneficentes, nos primeiros partidos políticos e chegando a compor, desde o Império, vários Gabinetes de Governo (BARATA, 1999, COLUSSI, 1998).

A participação da Maçonaria em todos esses eventos não significa que a instituição tenha sido a grande responsável por eles, como querem acreditar alguns e como divulga a mitologia referente à Ordem, mas que a sua atuação se deu, efetivamente, no campo da formação de uma cultura política calcada na defesa da laicização da sociedade brasileira, juntamente com outros segmentos da intelectualidade (IDEM, IBSEM).



Ao longo do século XX, o adensamento da sociedade civil e a consequente emergência de novos atores no espaço público fez com que a Maçonaria perdesse aquele protagonismo identificado no século XIX. Embora não possamos desenvolver esse tema neste momento, é importante frisar que existem alguns indícios que apontam para uma participação importante da instituição ao longo do século XX.

04 – Uma instituição iniciática

Quando a legislação maçônica afirma a condição essencialmente iniciática da instituição está querendo reiterar, em outras palavras, que existe um corpo de conhecimentos e práticas que são transmitidos através de rituais iniciáticos exclusivamente aos seus adeptos, que acaba sendo uma elite rigorosamente selecionada entre aqueles que se destacam de alguma maneira no meio em que atua uma determinada Loja. Ressaltemos que seguimos o entendimento de iniciação de Eliade, segundo o qual,

O termo iniciação no sentido mais geral designa um corpo de ritos e ensinamentos cujo objetivo é produzir uma modificação radical do estatuto religioso e social da pessoa que vai ser iniciada. Em termos filosóficos a iniciação é equivalente a uma mutação ontológica da condição existencial. O noviço emerge da sua provação como um ser totalmente diferente: tornou-se *outro* (ELIADE, 1989:137).

Portanto, não podemos desprezar a dimensão esotérica da empresa maçônica, que afirma um conhecimento somente acessível através de procedimentos padronizados ritualmente, mas que podem ter efeitos diferenciados junto aos indivíduos, considerando que não possuem, como no pensamento tipicamente moderno, verificabilidade ou possibilidade de falseabilidade. Em outras palavras: a forma como esse conhecimento iniciático se dá não é exatamente comunicável, visto que são estados a se realizar interiormente.

Segundo as tradições iniciáticas, o simbolismo é o meio mais eficaz para o ensino e aprendizagem das verdades de ordem superior, religiosas e metafísicas. Esse tipo de procedimento, no entanto, tornou-se estranho e bastante criticado pelo espírito científico moderno com suas exigências de demonstrações empíricas e busca

de regularidades estatísticas. Dito de outro modo: quando uma tradição iniciática, como a maçônica, declara a existência de uma “ciência maçônica” significa que a Verdade a ser buscada extrapola o modelo científico moderno e opera uma ampliação no conceito mesmo de ciência que, neste caso, envolveria procedimentos de análise simbólica na compreensão dos fenômenos da natureza e da sociedade (GUENÓN, 1995).

Outro elemento típico das sociedades iniciáticas é o segredo. Segundo Simmel, o segredo não é uma característica exclusiva das sociedades secretas, nem tampouco se restringe a sociedades tradicionais, é um procedimento e um valor intrínseco a toda e qualquer sociedade. Daí a permanência histórica de várias formas de segredo. Segundo o autor,

Estamos hechos de tal manera, que non solo necesitamos, como se indicó antes, una determinada proporcion de verdad e error como base de nuestra vida, sino también una mezcla de claridad y oscuridad, em la percepcion de nustras elementos vitais. Penetrar claramente hasta el fondo último de algo, es destruir su encanto y detener la fantasia em su tejido de posibilidades (...) (SIMMEL, 1977:377).

O segredo nas sociedades secretas apresentará, no entanto, um duplo efeito que o tornará típico: por um lado, produz um efeito isolador e individualizador no “escolhido”; por outro, a partilha desse segredo com os outros membros do grupo provocará o efeito inverso, o “aconchego comunitário” e a “igualdade fraternal”, ambas estruturas que minimizam as individualidades.

Aqui, a ambivalência maçônica – tradicional e moderno/ esotérico e exotérico/individualista e hierárquica – além de evidente, parece-nos reproduzir uma dinâmica, aparentemente paradoxal, do próprio mundo moderno. Não é por acaso que os maçons têm o deus *Janus* como uma de suas referências simbólicas. Este Deus, de origem indo-européia e objeto de culto dos romanos, com dois rostos contrapostos (um no verso do outro), representa a ambivalência, as transições, as passagens,

marcando a evolução do passado ao futuro, do sagrado ao profano, do esotérico ao exotérico (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2001).

05 – Conhecimento e iluminação

Podemos identificar no universo maçônico elementos de várias culturas, momentos históricos e religiosidades. O culto solar mesopotâmico e seus desdobramentos astrológicos; as lendas egípcias de deuses agrários e grandes construtores de templos, como é o caso de Hiram Abif; a arquitetura clássica grega com as colunas dóricas e jônicas e o pitagorismo e suas formulações numéricas; do universo hebraico, a cobertura da cabeça, a estrela de seis pontas, a simbologia do templo de Jerusalém; da Idade Média, a simbologia das corporações de ofício ligadas à construção, a alquimia etc. (CASTELLANI, 2003).

Uma reflexão mais específica sobre a cosmogonia maçônica nos levará a uma discussão, que apenas indicaremos, sobre os contatos da Maçonaria com uma das tradições mais controversas e antigas da linhagem cristã: o pensamento gnóstico. Essa tradição remonta aos primeiros anos do cristianismo e tem se apresentado, ao longo desses dois milênios, de maneira extremamente heterogênea, inclusive rompendo os muros religiosos para se instalar, como concepção de mundo, em várias correntes do pensamento social. Originalmente, os gnósticos visavam (e ainda visam) chegar ao “conhecimento” de Deus e à salvação por este conhecimento. Segundo Carvalho,

Malgrado a alucinante variedade dos movimentos gnósticos e as diferenças entre suas formulações teóricas, há no fundo de todos eles a unidade de uma cosmovisão, ou no mínimo de um sentimento cósmico comum: a vivência do universo como lugar hostil e do homem como criatura jogada no meio de uma máquina absurda e incompreensível. Em última instância, é a rejeição do julgamento que Deus fez da Sua própria criação no último dia do Gênesis, quando Ele olhou o cosmos e ‘viu que era bom’. Para os gnósticos, a ordem cósmica é essencialmente má e ao homem não resta senão o caminho da fuga ou da revolta. (...) O gnosticismo, assim compreendido, não é só uma revolta contra o catolicismo em particular, mas contra toda visão tradicional da ordem social como expressão da ordem divina da alma e do cosmos. A transformação de uma corrente esotérica em poderoso movimento de massas que dominou a história dos dois últimos séculos observou-se principalmente no Ocidente, em razão das guerras religiosas que, a partir do século XVI,



romperam a unidade da sociedade cristã e eliminaram a religião como poder público, instituindo o moderno Estado leigo que, erigido sobre um vácuo espiritual, acabou por se revelar impotente para resistir à invasão dos movimentos gnósticos de massa. Refluindo para o Oriente, esses movimentos devastaram ali as religiões tradicionais (ortodoxa, judaica, budista, confuciana e islâmica, principalmente), manifestando da maneira mais patente a sua natureza universalmente antiespiritual e não apenas anticatólica em especial”.¹

Em sua versão laica e moderna, o gnosticismo é, igualmente, uma tentativa de possessão deste mundo através do conhecimento, o que aboliria a dependência da criatura. Aqui, em lugar da revolta contra o Criador, observaremos a resistência à ideia mesma de criação e transcendência e a afirmação de

(...) um estado mental segundo o qual a criatura abole toda ordenação do ser cuja origem não esteja nele mesmo, não seja, como cada vez menos legitimamente se diz em filosofia, imanente... A transcendência original, a divindade das origens cósmica e humana como sustentação do ser e do mundo, é para o gnóstico pós-iluminista um anátema de primeira ordem. Todo esforço intelectual será dispendido no sentido de negar qualquer categoria do real e todo fundamento do ser que não contenham em si mesmos suas ‘próprias’ explicações e justificativas. *Gnosis* pode ter sido o nome de um movimento religioso em sua inepção, pois que lhe incumbia então contestar a revelação cristã; mas desde então por ‘gnose’ cabe entender o sinuoso produto de uma *libido dominandi* absoluta, e tanto mais rasteira quanto totalitária e reducionista (TOLENTNO, 2002:46-47).

O breve apontamento da questão gnóstica coloca-nos, mais uma vez, diante da ambivalência maçônica, seja consoante à sua concepção de Estado laico, seja na afirmação maçônica de um conhecimento iniciático ou, ainda, na sua atitude utópica de abolir todas as formas de opressão que se espalham pelo globo. Em pesquisas posteriores, essa ambivalência maçônica poderia sustentar a hipótese de que a Maçonaria se aproxima do gnosticismo tanto na sua vertente religiosa, quanto na sua vertente moderna tentando se apresentar como uma síntese, ou seja, uma superação dialética das duas outras possibilidades.

06 – Simbologia Maçônica

¹ Cf. Carvalho, in *Gnósticos e Revolucionários – Jornal O Globo*, 21.07.2001.



A literatura sobre o tema da simbologia é tão vasta quanto complexa. Conhecimentos advindos das áreas mais diversas vêm tentando explicar as estruturas, funções e significados dos símbolos nos diversos campos de ação social. Embora a revisão crítica dessa literatura não esteja no horizonte deste trabalho, não poderíamos deixar de indicar algumas questões referentes à intersecção desse tema com o universo maçônico.

Entre as características dessas estruturas simbólicas e suas funções, podemos observar, entre outras: sua capacidade para abrir o espírito para o desconhecido e o infinito; o uso dos símbolos está sempre a propor que “assim é, se lhe parece”; mobilizam a totalidade do psiquismo; ao contrário dos monemas, unidades mínimas de significação, os símbolos podem ser considerados sintemas, combinação de significados que formam ‘unidades múltiplas’, como se houvesse uma abundância de significados no mesmo significante; há nos símbolos uma dimensão, além de sintética, simpática, no sentido em que precisamos compartilhar a visão de mundo na qual está inserido; os símbolos suscitam uma experiência totalizante, tendendo a condensar numa única imagem uma experiência espiritual. Em relação às suas funções, observamos, basicamente: uma função exploratória (uma espécie de hermenêutica experimental do desconhecido); uma função mediadora e transcendente (estendendo pontes entre a física e a metafísica); uma função de unificadores da experiência (osmose contínua do interior e do exterior); e uma função socializante – identifica-se com sua época, embora não esteja restrito a ela (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2001).

Por mais diversificadas que sejam, acreditamos que as formulações indicadas acima são consensuais no sentido de reconhecer que

O símbolo anuncia um outro plano de consciência, que não o da evidência racional; é a chave de um mistério, o único meio de se dizer aquilo que não pode ser apreendido de outra forma; ele jamais é explicado de modo definitivo e deve sempre ser decifrado de novo, do mesmo modo que uma partitura musical jamais é decifrada definitivamente e exige uma execução sempre nova (IDEM, IBDEM, p. 16).

O simbolismo maçônico é essencialmente ligado à arte de construir e possui tanto valor exotérico quanto esotérico, ambivalência natural nas sociedades iniciáticas. A obrigatoriedade do simbolismo da maçonaria operativa é uma das evidências mais claras da tradição como resignificação de valores e práticas e nos sugere que na transição para a “fase especulativa” alguns elementos permaneceram como que afirmando princípios de continuidade. Entre os símbolos da maçonaria operativa que permanecem estão, entre outros: o avental (o trabalho), o cinzel (a razão, a inteligência), o compasso (o julgamento comedido, o espírito humano), o esquadro (a justiça), o nível (igualdade), o malhete (o poder, a força material controlada) e o triângulo, que significa sabedoria (CASTELLANI, 1995^a).

O que a tradição maçônica denomina de “Três Grandes Luzes emblemáticas da Maçonaria” (o Compasso, o Esquadro e o Livro da Lei) são os mais destacados símbolos da instituição e fazem referência clara a tradições religiosas distintas. Estes emblemas devem estar, obrigatoriamente, nas sessões ritualísticas e serão posicionados de acordo com o grau simbólico da sessão. O Livro da Lei é aquele que expressa as opções religiosas dos obreiros, através do qual virão as balizas morais e espirituais. O significado esotérico do Esquadro está ligado à Matéria, mas também simboliza a justiça e a equidade. Segundo Castellani:

O significado simbólico do compasso é o do comedimento nas buscas, já que ele, traçando círculos, delimita um espaço bem definido, o que não acontece com as retas, que se prolongam ao infinito. No plano místico, esotérico, todavia, ele é a representação do Espírito, enquanto o Esquadro simboliza a Matéria; como representação da espiritualidade, ele simboliza, também, o conhecimento humano (IDEM, IBDEM, p. 61).

É comum na literatura maçônica a vinculação da simbologia do Esquadro e do Compasso a antigas tradições de cultos solares, tendo em vista que tais símbolos significariam a Terra e o Sol, respectivamente, bem como o sentido da evolução iniciática da Terra (aprendiz-matéria) ao Sol (mestre-espírito). Os sentidos dessa simbologia podem ser discutidos, mas não minimizados no que se refere aos vínculos da Ordem com estruturas tradicionais distintas.

O caso da Lenda do Terceiro Grau, principal mito de origem maçônico, desenvolve um relato sobre Hiram Abiff, personagem bíblico que teria contribuído com sua arte na construção do Templo de Salomão. Segundo a versão maçônica, ele teria sido assassinado por três companheiros por ter se negado a revelar determinados segredos reservados aos mestres da obra. A lenda ainda se refere à ocultação do cadáver do mestre e de sua posterior descoberta pelos maçons fiéis.² Esta lenda é encenada no ritual de terceiro grau e tenta afirmar a busca do obreiro perfeito, o mestre maçom, na sua prática contínua de aperfeiçoamento. Sobre o ritual do terceiro grau, afirma um pesquisador maçônico:

A cerimônia, extremamente impressionante, do 3º. Grau é um psicodrama em que o candidato elevado à Mestria desempenha o papel do próprio Hiram assassinado, sepultado, encontrado graças a um ramo de acácia, entre o compasso e o esquadro – o que é um simbolismo transparente – e trazido à vida graças a um rito necromântico quántuplo e misterioso após outras tentativas terem se revelado tristemente vãs. Os segredos da Mestria, pelos quais Hiram morreu por ter se recusado a traí-los, não obstante a violência dos seus assassinos ‘são substituídos’ por segredos provisórios, até que o tempo ou o acontecimento permitam reencontrar os seus segredos verdadeiros (MELLOR, 1989:132).

É importante lembrar que os elementos rituais da “morte iniciatória” e a ideia de “ressurreição” ligam estas práticas maçônicas a vários outros universos ritualísticos fortemente tradicionais. Acerca do tema, comentando outras situações, afirma Eliade:

A morte iniciatória significa tanto o fim do homem acultural ‘natural’ como a passagem para um novo modo de existência, o de um ‘ser nascido para o espírito’, isto é, que não vive exclusivamente numa realidade ‘imediate’. Desta forma, a ‘morte’ e ‘ressurreição’ iniciatórias representam um processo religioso através do qual o iniciado se torna *outro*, modelado de acordo com o modelo revelado por deuses ou antepassados míticos. Por outras palavras, torna-se um *homem real* na medida em que se assemelha a um sobre-humano. O interesse

² A narrativa de Hiram é retirada e adaptada dos textos bíblicos: I Reis 5.15-26; I Reis 7.13-50; II Crônicas 2.2-15.



da iniciação para a compreensão da mente arcaica centra-se essencialmente no fato de ela mostrar que o *homem real* – o espiritual – não é *dado*, não é resultado de um processo natural. Ele é ‘feito’ pelos antigos mestres, de acordo com os modelos revelados por seres divinos em tempos míticos. Estes antigos mestres formam as *élites* espirituais das sociedades arcaicas. O seu principal papel é transmitir às novas gerações o sentido profundo da existência e ajudá-los a assumir a responsabilidade de ‘homens reais’ e, conseqüentemente, a participar ativamente na vida cultural. Mas como a cultura significa, para as sociedades arcaicas e tradicionais a soma dos valores recebidos de seres sobrenaturais, a função da iniciação pode ser resumida desta forma: ela revela a cada nova geração um mundo aberto ao trans-humano, um mundo que poderíamos designar como ‘transcendental’ (ELIADE, 1989:140).

07 - O Templo Maçônico

Outro dado em que podemos observar esses processos de combinação maçônica da simbologia de outras tradições religiosas é o caso do templo. Existem, estimativamente, quase cinco mil templos maçônicos distribuídos por todas as regiões brasileiras, desde as grandes metrópoles até as pequenas cidades nos mais longínquos rincões do país. Essas edificações, quase sempre discretas no seu exterior, construídas invariavelmente sob estrita observação da tradição maçônica, abrigam no seu interior toda a simbologia necessária para o pleno desenvolvimento do processo iniciático: colunas, altares, frases, utensílios, emblemas, painéis, bandeiras e muitos outros elementos que compõem a ritualística da Arte Real – uma das antigas definições da maçonaria.

Compreendemos que a descrição e análise do interior de um templo maçônico, seus rituais, usos e costumes naquele espaço constituem-se numa tarefa extremamente complexa, visto que em muitos aspectos precisamos mais do que leituras, desenhos e fotografias para levar a cabo a tarefa. Estes elementos nos dão apenas uma ideia daquele espaço. Mesmo tendo visitado alguns templos, falta-nos a familiaridade com aquela multiplicidade simbólica e, até mesmo, a variação observada em cada templo. Portanto, o presente texto não pretende elaborar uma descrição completa e detalhada do interior do templo maçônico. Objetivamos, simplesmente, apresentar os principais elementos que constituem o “espaço sagrado” dos Filhos da

Luz, como também são conhecidos os maçons, e localizar algumas trajetórias desses elementos.

O templo maçônico tenta reproduzir a arquitetura e decoração do Templo de Jerusalém sem deixar, no entanto, de inserir elementos outros que não os da tradição judaica. O espaço sagrado dos maçons apresenta, regularmente, a forma de um quadrilongo, representando suas paredes os quatro pontos cardeais. A única porta, dando comunicação com o exterior, situa-se na parte do Ocidente, a meia distância entre o norte e o sul. Ao fundo, ocupando um terço do comprimento, está o Oriente, em nível mais elevado, ao qual se chega subindo por quatro degraus. Separa o Ocidente do Oriente uma balaustrada, tendo no centro uma passagem; próximas da porta de entrada elevam-se duas colunas, à direita de quem entra fica a coluna **J** e à esquerda a coluna **B**; ao longo das paredes laterais, pintadas ou em relevo, erguem-se doze outras colunas, seis de cada lado e equidistantes entre si, representando os doze signos do zodíaco; sobre essas doze colunas, circundando o templo, uma corda com 81 nós também equidistantes entre si; no meio do assoalho do Ocidente encontra-se o Pavimento Mosaico (que apesar de não existir no templo judaico, faz referência a Moisés), de forma retangular, composto de quadrados alternadamente pretos e brancos, cercado de uma orla dentada, tendo desenhada uma borla preta em cada um dos seus ângulos e nos extremos dos seus eixos principais estão gravadas as letras correspondentes aos quatro pontos cardeais. Próximo ao fundo do Oriente fica o trono do Venerável Mestre e sobre ele um candelabro de três luzes, um malhete, uma pequena coluna em estilo jônico, além de duas cadeiras que ladeiam o trono do Venerável. À frente do trono podemos observar o Altar dos Perfumes, tendo por base uma coluna torsa e sobre ela uma trípole, um turíbulo e uma naveta. Mais adiante, à direita, estende-se o painel da Loja. À frente e um pouco à esquerda do altar do 1º Vigilante está uma pedra áspera, de forma e contornos irregulares, a chamada Pedra Bruta (referência ao estado em que se encontram os aprendizes quando se iniciam); no lado do altar do 2º Vigilante, outra pedra, mas de superfície lisa e polida, perfeitamente esquadrejada e de faces iguais, a chamada Pedra Cúbica (símbolo de perfeição iniciática).³

³ Resumo elaborado a partir do Manual de Rituais da Grande Loja do Paraná, 1975.



No Ocidente, próximo à grade, está o Altar dos Juramentos e sobre ele o Livro da Lei, um Compasso e um Esquadro; perto da parede norte e próximo à coluna B, à esquerda do altar do primeiro vigilante, situa-se o Altar das Abluções, onde está o Mar de Bronze. Ainda no ocidente, nos lados norte e sul, observamos fileiras de assentos destinados, no norte, aos Aprendizes e no sul, aos Companheiros; à frente, nos dois lados, há cadeiras ou poltronas destinadas aos Mestres.

O teto do templo, de forma abobadada, é pintado e representa o firmamento, cuja tonalidade azul-clara no oriente vai, gradativamente, escurecendo em direção ao ocidente entremeado de nuvens. Esta característica também é identificada em outras tradições egípcias e reforçam a ideia de templo com a de *Imago Mundi*.

O último ambiente a ser descrito é a Câmara de Reflexões, que é um pequeno recinto, com localização variável de acordo com as dimensões do templo onde se recolhe o profano antes da iniciação para elaborar seu testamento e responder ao questionário que lhe é proposto. Nesta Câmara não pode haver a entrada de luz exterior, devendo ser iluminada por uma vela colocada sobre a mesa que se destina, com uma cadeira, ao uso do candidato. Nas paredes, de cor preta, figuram emblemas fúnebres gravados com tinta branca. Na parede que defronta com a mesa estão pintados um galo, uma ampulheta e, abaixo, as palavras VIGILÂNCIA E PERSEVERANÇA e V.I.T.R.I.O.L., iniciais de uma frase em latim que condensava uma orientação célebre entre os alquimistas: *Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem*, ou seja, Explora o Interior da Terra. Retificando, Descobrirás a Pedra Oculta. Finalmente, nas paredes laterais, lêem-se as seguintes inscrições:

“Se a curiosidade aqui te conduz, retira-te”.

“Se queres bem empregar tua vida, pensa na morte”.

“Se tens receio de que descubram teus defeitos, não estarás bem entre nós”.

“Se és apegado às distinções humanas, retira-te, pois aqui não as reconhecemos”.

“Se fores dissimulado, serás descoberto”.

“Se tens medo, não vais adiante”.

“Deus julga os justos e os pecadores”.

“Somos pó e ao pó voltaremos”.



A despeito de não concordarem, pelo menos publicamente, com a natureza sagrada dos seus templos, observamos que a própria linguagem utilizada repete uma estrutura universal. Senão, vejamos o que diz Eliade sobre alguns aspectos universais na estrutura dos templos.

Nas grandes civilizações orientais – da Mesopotâmia e do Egito à China e à Índia – o templo recebeu uma nova e importante valorização: não é somente uma *imago mundi*, mas também a reprodução terrestre de um modelo transcendente. O judaísmo herdou essa concepção paleoriental do Templo como a cópia de um arquétipo celeste (IDEM, IBDEM p. 14).

A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre dois modos de ser, profano e religioso (IDEM, IBDEM p. 29).

A cabana sagrada, onde se realizam as iniciações, representa o Universo. O teto da cabana simboliza a cúpula celeste, o soalho representa a Terra, as quatro paredes as quatro direções do espaço cósmico (IDEM, IBDEM p. 45).

Portanto, o que podemos observar é a clássica e nítida sacralização do espaço, procedimento comum e estrutural na história do fenômeno religioso. Mais um trecho esclarecedor de Mircea Eliade pode reforçar a nossa percepção sobre o espaço sagrado.

Para o homem religioso o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaços qualitativamente diferentes das outras. (...) Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência forte, significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único real, que existem realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 2001:25).

Assim, todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado, que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente.

08 – O Grande Arquiteto do Universo



Um maçom é obrigado, por seu título, a obedecer à lei moral e, se compreender bem a Arte, **nunca será ateu estúpido, nem libertino irreligioso.** De todos os homens, deve ser o que melhor compreende que **Deus enxerga de maneira diferente do Homem,** pois o homem vê a aparência externa ao passo que **Deus vê o coração.** Seja qual for a religião de um homem, ou sua forma de adorar, **ele não será excluído da Ordem, se acreditar** no glorioso Grande Arquiteto do Céu e da Terra e se praticar os sagrados deveres da moral...⁴

Um dos principais fundamentos da maçonaria é a crença no Grande Arquiteto do Universo (G.A.D.U.). Aqui, podemos entender que os maçons afirmam um princípio criador, bem como a precedência e superioridade do espírito sobre a matéria. A generalidade de tais princípios não inviabiliza o relacionamento ou mesmo a participação em instituições religiosas. Assim, o ser maçom pode convergir com as mais variadas formas de pertencimento religioso sejam elas católicas, protestantes, umbandistas, budistas, entre outras.⁵

O maior contato dos maçons, porém, é com o cristianismo. Afinal, a maçonaria surge e se desenvolve na cultura ocidental, embora migre para o “Oriente” posteriormente. No entanto, essa relação não será tranquila, muito pelo contrário. Com o catolicismo, por exemplo, data de 1738 as primeiras condenações através do Papa Clemente XII. Até os dias que correm, as críticas católicas ainda circulam, praticamente, em torno das mesmas questões: a) o relativismo maçônico, que sustenta sua convivência com todas as religiões como se estas fossem equivalentes, até mesmo aquelas que trazem consigo visões anticristãs; b) o princípio criador maçônico, o G.A.D.U., como uma expressão religiosa deísta, ou seja, que não dispõe de base moral ou intelectual e não atua no mundo, o que seria incompatível com a

⁴ Trecho do documento de fusão entre correntes maçônicas, em 1815, na Inglaterra, citado em Castellani e Rodrigues, 1995.

⁵ No universo maçônico também existe um rito – moderno – o qual não exige menção a nenhuma divindade. Essa controvérsia, porém, não será tratada neste texto.



revelação cristã; c) os rituais maçônicos concorreriam com os rituais católicos e seus sacramentos, tendo em vista que aqueles teriam poder de transformação sobre os homens sem a graça do Cristo. É importante ressaltar que a Igreja Católica, ao longo desses séculos de proibições da participação de católicos na maçonaria, tem realizado algumas revisões, como é o caso do reconhecimento da pluralidade do movimento maçônico e, conseqüentemente, de suas manifestações rituais e simbólicas. A interdição fundamental, no entanto, permanece.

09. A liberdade reflexiva do maçom

Considerando que o trajeto ainda a percorrer não nos permite avançar muito nas proposições, parece-nos que a análise da dimensão religiosa da maçonaria precisa aprofundar algumas características observadas nessa instituição. Primeiramente, faz-se mister analisar de forma mais acurada o lugar ocupado pelo sincretismo maçônico, se por isto entendermos uma apropriação criativa de significados de origens religiosas e culturais distintas. Em segundo lugar, não podemos contornar o fato de ser a Ordem Maçônica uma organização internacional que, desde suas origens modernas, articula valores modernos e tradicionais, produzindo apropriações e resignificações de elementos de várias tradições religiosas e em vários ambientes culturais. Ainda temos outro traço característico no ambiente maçônico, a participação dos seus membros em outros grupos religiosos, como é o caso dos cristianismos. Esse tipo de duplo pertencimento, às vezes, é apresentado como um problema no outro grupo, mas nunca na própria maçonaria. Acrescentemos, ainda, como desafio à pesquisa, que grande parte da “mito-teologia maçônica” é oral e que sua descrição e interpretação dependeria de um tipo de relação – entre pesquisador e pesquisado – que ainda está por ser construído aqui no Brasil.

O fato é que a presença da maçonaria no espaço público e o trânsito maçônico por várias religiões têm causado algumas críticas. Há sempre quem a identifique com algum tipo de conspiração em função de sua dimensão secreta; outros a consideram uma heresia cristã da qual se deve manter distância; alguns a criticam, sobretudo as feministas, pela manutenção de uma estrutura sexista, pela interdição à iniciação de mulheres; podemos encontrar, ainda, quem a acuse de desenvolver cultos satânicos.



Enfim, a dupla natureza maçônica – exotérica e esotérica – acaba por mantê-la no centro do debate, mas ao mesmo tempo limita essa discussão pela dificuldade não somente com a pluralidade de suas linhagens, como também pela ignorância acerca do que ocorre no seu universo iniciático.

Retomando, entretanto, o raciocínio sobre a flexibilidade do maçom em se relacionar com vários tipos de religião, propomos como hipótese a combinação de dois elementos: o primeiro é a reflexividade (GIDDENS, 1991) dos seus agentes ao longo de sua história, o que permite as mais variadas apropriações, atualizações e resignificações de valores, ritos, mitos, símbolos etc. de outros ambientes; o segundo é que os votos de lealdade, segredo e cooperação, afirmados na ritualística maçônica, garantem, em última instância, um vínculo mais consistente com a instituição do que com qualquer outro grupo religioso.

Metaforicamente, o caldeirão maçônico contém muitos ingredientes, mas quem detém a colher e promove a mistura é sempre um reflexivo “filho da viúva”. Resta-nos insistir na busca de melhor conhecimento acerca da sua *forma mentis* e de seu *modus operandi*, consubstanciados nessa atitude de tentar sintetizar tradições culturais e religiosas.

10. Bibliografia

ANTONIAZZI, Alberto (2003) “As religiões no Brasil segundo o Censo 2000”. Revista de Estudos da Religião, nº. 2, p. 75-80. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rev_2003/p_antoni.pdf.

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras – A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910)**. Campinas: Unicamp, 1999.

CARVALHO, Olavo de. **A dialética simbólica – ensaios reunidos**. São Paulo: É Realizações, 2007.

CASTELLANI, José. **Dicionário de termos maçônicos**. Londrina: A Trolha, 1995.

_____, e RODRIGUES, Raimundo. **Análise da Constituição de Anderson**. Londrina: A Trolha, 1995.



- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva et alli. 16ª. Edição. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2001
- COLUSSI, Eliane Lucia. **A Maçonaria Gaúcha no Século XIX**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **Origens – história e sentido na religião**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- FERRETI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo: USP/FAPEMA, 1995.
- FIGUEIREDO, J. G. **Dicionário de Maçonaria**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **Conseqüências da Modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.
- GUENON, René. **Fundamental symbols – the universal language of sacred Science**. Cambridge: Quinta Essentia, 1995.
- HOBBSAWN. Eric e RANGER, Terence. (Orgs.) **A Invenção das Tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- MELLOR, Alec. **Dicionário da Franco-Maçonaria e dos Franco-Maçons**. Trad. Sociedade das Ciências Antigas. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MONTERO, Paula (2003) “O problema do sincretismo”. In: PEREZ, Léa Freitas; QUEIROZ, Rubem Caixeta de & VARGAS, Eduardo Viana (Orgs.). Teoria e Sociedade (Revista dos Departamentos de Ciência Política e de Sociologia e Antropologia – UFMG), Belo Horizonte, número especial: Passagem de milênio e pluralismo religioso na sociedade brasileira, p. 112-121.
- SANCHIS, Pierre (2003) “A religião dos brasileiros”. In: PEREZ, Léa Freitas; QUEIROZ, Rubem Caixeta de & VARGAS, Eduardo Viana (Orgs.). Teoria e Sociedade (Revista dos Departamentos de Ciência Política e de Sociologia e Antropologia – UFMG), Belo Horizonte, número especial: Passagem de milênio e pluralismo religioso na sociedade brasileira, p. 16-51.



SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Vol. 2 Madrid: Revista do Ocidente, 1977.

TOLENTINO, Bruno. **O mundo como ideia**. São Paulo: Globo, 2002.

